

PRIMEIRAS NOTAS PARA ANÁLISE DO CENTRO URBANO CAMPINEIRO

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Nada é tão significativo para sedimentar a vida do indivíduo do que suas memórias/lembranças, muito embora venham carregadas das mais díspares emoções. Todavia, a existência de quadros de referência estruturados, faculta ao investigador a possibilidade de conhecer com razoável segurança o interior desse resistente universo.

Dai ser instigante considerar-se através delas a apropriação da cidade por parte dos mais diferentes grupos sociais que compõem a urbe, procurando se entender como os diferentes atores ocupam os espaços públicos modificando-os, adaptando-os e até mesmo subordinando-os às suas necessidades peculiares.

Com propriedade Henri Lefebvre elucida cada época histórica como responsável pela construção de uma atividade específica e, no que tange à cidade capitalista moderna, a própria dimensão lúdica ligada ao imprevisto entrelaçado do consumismo.

Há também de se levar em conta que as transformações urbanas interferem na chamada cultura pública, propiciando com que as vertentes históricas acabem por adquirir particularidades tais, em crescentes combinações dos aspectos tradicionais com os modernos que, sem dúvida, acabam por repercutir no tecido urbano e na teia das relações sociais estabelecidas nos espaços públicos.

Advém dessa preocupação a presente nota, onde procuro colocar a reflexão um ponto marcante da cidade de Campinas com seus espaços de interação, exatamente por ser uma realidade descontínua, fragmentada e diferenciada, o que me levou a retomar o raciocínio de

Berman¹, quando nos leva a pensar sobre a modernização das cidades e seus acentuados ritmos de diferenças sociais.

Assim considerando e tomando como exemplo a chamada *Princesa d'Oeste*, há tempo em franco processo de metropolização, observo como seu centro (não tão tradicional como poderia ser...), continua, todavia, a ser uma referência para sua memória coletiva, permitindo a análise e observação das sucessivas transformações por que vem passando ao longo de décadas que marcaram sua história.

Relembro, principalmente, quando a Campinas provinciana tinha seu *centro como cidade*, ou seja, *a cidade como seu centro*. Era, ainda nos primórdios do século XX, o local de consumo, comércio e negócios de suas elites. Tudo para ele convergia: políticos, jornalistas, comerciantes... onde os mais variados assuntos eram discutidos. Lá se encontravam, entre outros pontos significativos, a Casa Alemã, a Genoud, a Livro Azul, a Padaria do Comércio, o Bar Ideal, a Casa Aranha - com a presença meiga do Fifi afinador de pianos - além do festivo cantar dos pássaros, do revoar das andorinhas, do tilintar dos bondes... tudo ligado à maneira de ser daquelas elites, mas já com traços da ocupação popular, notoriamente no Largo do Rosário, ou melhor dizendo no *Caldeirão do Diabo* (e houvesse *disque-disque...*), este, principalmente, o local marcante da *conflitualidade*.

Deixo evidente que o afloramento da presença popular na cidade não foi fortuito; aos poucos foi ocorrendo, desde o final da escravidão, pelo crescente afluxo da mão-de-obra estrangeira - de início, para suprir basicamente seu crescimento industrial, em razão do capital acumulado com o café, e onde novos tipos humanos vieram alterar o quadro social da cidade: comerciantes, imigrantes estrangeiros de diferentes nacionalidades, pequenos proprietários... o que acirrou a presença de pobres no espaço urbano. Tais camadas sociais populares concentraram-se historicamente nos bairros operários, baseados no binômio fábrica-moradia: Vila Industrial, Ponte Preta, Vila Marieta, Vila Nova, Bonfim, só para lembrar alguns dos mais populosos.

Era então uma cidade apartada em termos sociais, ou seja, um lado dela privilegiado e o outro não. Os detentores do poder

(1) Ver: BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo, Cia das Letras, 1986.

econômico localizando-se no centro da cidade ou no seu entorno, mas, ainda convivendo com poucos indivíduos de baixa renda que também ocupavam esse centro, embora sua forte concentração fosse do outro lado da cidade, cuja separação era a ferrovia. Começava então surgir uma espécie de *outro centro*, com a ocupação típica do operário e do imigrante (principalmente italiano, já a partir dos anos 1870).

Com o passar do tempo, esse centro tradicional das elites até as primeiras décadas do século XX, gradativamente foi se tornando um espaço deteriorado, heterogêneo e abandonado pelas camadas sociais de maior poder aquisitivo que acabaram por buscar outras regiões da cidade para residir e até para consumir (caso, por exemplo, dos bairros Cambuí e Nova Campinas).

Por outro lado, esse antigo centro de Campinas foi, paulatinamente, se alterando mais ainda, frente ao novo panorama urbano ligado às transformações econômico-sócio-político-culturais nacionais.

Com o novo modelo de industrialização então implantado, ocorreu também a chegada de novos atores sociais: os migrantes nacionais, a partir já, grosso modo, da década dos quarenta, ocupando vários espaços públicos da cidade e ampliando os limites citadinos. Com isso, aquela acumulação urbana concentrada próxima às fábricas também deixou de existir com essas novas bases industriais, além da expansão do transporte rodoviário facilitando a comunicação e o desenvolvimento campineiro.

Entre 1914/30 houve verdadeiro retalhamento da terra com forte especulação imobiliária, as fábricas se espalhando pelas beiras das auto-estradas, enfim, foram sendo criados os fundamentos para um crescimento apoiado no loteamento periférico, o desejo de possuir a casa própria e a autoconstrução sedimentando-se.

Se até o início do século XX os bairros eram separados por classes sociais distintas, aos poucos tais separações, com a expansão urbana, se transformaram, havendo uma interpenetração de áreas, bastante intensa com relação ao centro tradicional da cidade: enquanto esta se expandia desordenadamente (a partir da década dos anos quarenta), boa parte do centro passou por rápido processo de diversificação de funções, sofrendo uma gradativa deterioração urbana, a queda no seu

uso habitacional e o afastamento de parte da população para outros bairros, além do encortiçamento crescente, a proliferação do pequeno comércio informal, o aumento da violência urbana, da prostituição, da miséria...

É como nos fala Castells as cidades progridem se autodestruindo, em lugar de ir crescendo a partir de uma base de manutenção do que já existe². Isso de fato ocorreu no caso campineiro (também em seu centro) com a crescente popularização desse espaço e as formas estratégicas de sua ocupação, com novas referências de sociabilidade frente ao processo de metropolização já em curso.

Nessas breves considerações não pretendi mapear o que veio ocorrendo com as ocupações cotidianas de tais espaços públicos da cidade por parte dos diversos grupos sociais que se estabeleceram ou circularam por suas regiões mais centrais, pois, tal estudo é parte de análise mais ampla que venho efetuando há já algum tempo, utilizando basicamente o trabalho de campo onde analiso/descrevo o conjunto de atividades, códigos, regras e lembranças de alguns grupos sociais que fazem das ruas o espaço privilegiado para suas relações. Minha intenção foi tão somente chamar a atenção para o significado de um trabalho desse tipo, preferencialmente multidisciplinar, para que a Campinas de hoje possa melhor prosseguir, conhecendo e vivenciando com critério sua história e, dessa forma, as diversas esferas sociais de sua sociedade possam ter a capacidade de reatar seus elos e os indivíduos se tornem verdadeiros cidadãos. Será que isso será possível? É o que espero e, modestamente, tenho procurado contribuir para que tal meta possa ser atingida em sua plenitude, embora também acredite que *caldo de galinha e ponderação* devam ser o *norte* de todos que procuram ajudar o crescimento/desenvolvimento do local onde palmilham, não apenas revivendo cada recanto de suas ruas, becos e avenidas, mas também encarando o hodierno nas sérias implicações do processo histórico vivenciado.

⁽²⁾ CASTELLS, Manuel. "A intervenção administrativa nos grandes centros urbanos" - In: *Espaço & Debate*, no 6, São Paulo, NERU, 1982, p. 64-75.